

O sangue que lava a alma: dor e solidão no imaginário da tribo emo

The blood that washes the soul: pain and loneliness in the imaginary of the Emo tribe

Renata Oliveira Carvalho

Graduada em Comunicação Social – Jornalismo (Universidade Estácio de Sá) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGC/UERJ)

Resumo

O presente artigo discute e apresenta questões intrigantes que envolvem a tribo urbana emo. Características polêmicas como automutilação, depressão, solidão e o lado sombrio dos jovens que integram a tribo serão analisados aqui a partir da observação de algumas páginas e grupos na rede social Facebook. A intenção não é fazer qualquer ponte com o campo da psicologia; a abordagem deste artigo gira em torno dos conceitos de imaginário, corpo e tribo urbana, sob o viés já explorado em pesquisas de Comunicação Social.

Palavras-chave: emo; corpo; imaginário; tribalismo urbano.

Abstract

The present article discusses and presents intriguing questions involving urban tribe Emo. Controversial features like self-mutilation, depression, loneliness and the dark side of young people entering the tribe will be discussed here from the observation of some fan pages and groups on the social network Facebook. The intention here is not to make any bridges with the field of Psychology. The approach of this article revolves around the concepts of imaginary, body and urban tribe, under the bias already explored in research on Social Communication.

Keywords: *Emo; body; imaginary; urban tribe.*

Introdução

Ao que se nota no imaginário diversificado da sociedade sobre a tribo dos emos, há forte associação destes jovens com a homossexualidade e com a tristeza e a depressão. No mundo acadêmico, os dois assuntos são os principais abordados em produções que estudam a tribo emo. É uma tribo polêmica e cercada de preconceitos, não à toa dedico mais um estudo a ela.

Do ponto de vista estético, os jovens optam geralmente pelo preto. A cor predomina nas roupas, no cabelo, na maquiagem que cobre os olhos e nas unhas. Por conta disso, o visual fica um tanto pesado, além da franja que esconde um pouco o rosto. No aspecto comportamental, o sentimentalismo e a tristeza parecem dominar a tribo. Apesar de ser necessária uma breve descrição sobre o objeto, é necessário um cuidado para que não se caia na rede da representação, que tende a ser muito rígida e presa a um símbolo dado, encaixando tudo em quadrados pré-moldados nada flexíveis. Existem emos mais coloridos e nada depressivos, e ainda assim se consideram emos – o imaginário sobre ser da tribo é construído socialmente, em grupo, mas ainda assim é variável.

Portanto, fica claro aqui o medo de escorregões em conceitos e afirmativas, pois a intenção do trabalho não é fazer uma mera descrição do que são os emos, ao contrário, pretende-se aqui desvendar outras realidades existentes dentro da tribo, naturalmente sem fugir do recorte. Tal argumento justifica a preferência pelo uso do conceito de imaginário em lugar da representação para abordar o assunto.

Para alguns autores que trabalham com a sociologia do imaginário, entre eles Patrick Legros (2007), o termo não trata de um campo específico da sociologia, pois não tem um objeto definido; seria, então, um olhar sobre o social com interesse pela dimensão imaginária das atividades humanas, perpassando o cotidiano, a política, a religião, a ciência etc. A falta de um objeto específico faz do imaginário um conceito mais amplo e complexo – que inclui a representação também –, mas não abandona a plasticidade dos sentidos, o onírico, a fantasia e a imagem. A realidade cotidiana se constrói em cima de diversos imaginários, o que vem de cada sujeito, e só se forma presencialmente. O imaginário inclui a mudança proveniente através de novos significados, é a presença que dá o sentido, pois também é a realidade, por isso é mais plástico e flexível. A desconfiança do que é apenas representado surgiu do medo de se prender a uma ideia fechada produzida por terceiros, sem checar de fato como são os emos em toda sua diversidade.

O interesse pelo objeto surgiu nas ruas, na percepção de grupos de jovens emos circulando numerosamente na cidade do Rio de Janeiro, especificamente em Campo Grande, bairro da Zona Oeste da cidade, onde se reuniam em praças e shoppings – fato observado também em outras cidades e estados do Brasil, notado em estudos sobre a tribo. No entanto, dada a efemeridade do lugar do encontro, característica da pós-modernidade e do neotribalismo, segundo Michel Maffesoli (1987), houve uma

dispersão dos emos na cidade, e a Praça dos Estudantes e o West Shopping (ambos em Campo Grande) foram espaços ressignificados ao longo do tempo.

A pesquisa, então, encontrou sua morada na internet, principalmente na rede social Facebook, onde se iniciou a busca pelos personagens. A partir de páginas e grupos relacionados aos emos no Facebook, encontrei alguns adolescentes dispostos a contribuir para a pesquisa; assim, virou rotina acompanhar as publicações tanto das pessoas quanto das páginas e nos grupos. As páginas aqui trabalhadas são: a) no Facebook, as brasileiras EMO's, World Emo e EMO depressivo, e a americana EMO (//_^) – o último é um grupo fechado no qual acontecem debates e publicações de qualquer membro participante; fora do Facebook, a Page Emo's, pertencente ao domínio Ask.fm, criado para perguntas e respostas, no qual quem cria uma conta responde perguntas elaboradas por qualquer navegante da web – esta página é administrada por adolescentes emos brasileiros. Portanto, o trabalho se sustenta principalmente na netnografia, tendo o Facebook como principal ferramenta para estudar a comunidade emo virtualmente.

O que mais foi observado nas publicações emo foram imagens e frases de cunho mórbido, com temas de sofrimento e solidão, automutilação, escarificação e até suicídio, além de discussões em torno da sexualidade. Não se trata de uma pesquisa quantitativa para analisar os emos, tampouco de uma investigação para saber os motivos pelos quais esses jovens querem mostrar sua tristeza, mas de um estudo sobre imaginário, corpo e tribalismo urbano – o último sob o conceito de Maffesoli (1987).

Tendo em vista a preocupação de que não se criem rótulos, é preciso ressaltar que nem todos os emos têm um comportamento triste e solitário, nem só se vestem de preto. Há os que não se encaixam nesta descrição, mas ainda assim se intitulam emo e não se excluem da tribo, afinal o gosto e o consumo também caracterizam uma comunidade – há aqueles que se consideram emo simplesmente porque se identificam com o estilo e, inclusive, não concordam com a atitude depressiva tão observada. Contudo, o presente artigo se concentra em analisar os adolescentes que se vestem de preto, que arrumam o cabelo com franjas, que apresentam o comportamento depressivo ressaltado nas comunidades virtuais e que ouvem as principais e mais aclamadas bandas pela tribo: Black Veil Brides e Asking Alexandria. Tais aspectos compõem o imaginário de dor e solidão da tribo.

Emocore: entre luz e sombra

Emocore: emotional hardcore, uma vertente do rock'n'roll. É um estilo musical conhecido por letras de cunho emocional e um ritmo acelerado que também nomeou a tribo urbana emo, cuja origem vem do punk das décadas de 1970 e 1980 do século 20 nos Estados Unidos, mas se propagou pelo Brasil apenas no início dos anos 2000 nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, até

se propagar por outros estados ao longo da década. A partir do nome, vemos então que a emoção é o principal elemento caracterizador da tribo, composta basicamente por jovens na faixa etária de 11 a 21 anos cujas atitudes se pautam por emoção e sensibilidade externadas, demonstrações públicas de carinho e afeto entre si e liberdade de orientação sexual – o imaginário também se estende à valorização da bissexualidade e até mesmo da androginia.

Contudo, o movimento *hardcore* nega os emos como uma vertente, considerando-os como “os filhos bastardos do punk”, como denomina a pesquisa de Ramos e Souza (2010), que estudou a tribo emo no Pará, estado na região Norte do Brasil, realizando pesquisa de campo em praças públicas. De acordo com as pesquisadoras, o movimento punk foi um dos que mais gerou frutos. Após o seu fim, surgiram outros movimentos musicais bem parecidos, como o *hardcore*, que, assim como o punk, também tem letras de cunho político com muitas críticas ao sistema capitalista, porém com um ritmo mais acelerado. A partir daí surgiram diversas vertentes, como o *grindcore*, o *metalcore* e o *crustcore*, todas caracterizadas por letras carregadas de ideologia política e revolta contra o status quo; o que diferenciava uma da outra eram o ritmo e o estilo de se vestir, que iam variando de acordo com o momento, a região ou as influências às quais iam se misturando. A significativa característica da mensagem política, ou a ausência dela, foi o que fez o *emocore* ser renegado pelo *hardcore*.

O movimento surgiu em meados da década de 1980 com as bandas Rites of Spring e Embrace, na cena punk rock de Washington, nos Estados Unidos. Suas letras eram consideradas poéticas e introspectivas demais ser comparadas com as do *hardcore*, e a batida mesclava elementos do punk. De acordo com Ramos e Souza, existem muitas vertentes que se confundem com o *emocore*:

[...] As denominações não são apenas em relação às letras de música, mas também são voltadas para a melodia das canções. Por isso a confusão em relação a algumas bandas, sempre contestadas se são ou não emo, é o caso da banda paulista CPM 22 e da paraense Seqüela.

Na segunda metade da década de 1990, a vertente foi adquirindo um novo sentido conforme foi se distanciando das raízes do *hardcore* e se aproximando também do pop rock, a música, assim como a estética, foi mudando até chegar à moda emo da atualidade, que difere em alguns sentidos do punk original (RAMOS; SOUZA, 2010, p. 9).

De acordo com as pesquisas feitas nas páginas do Facebook e em perguntas e respostas na Page Emo's, atualmente as duas bandas mais aclamadas pela tribo são Asking Alexandria e Black Veil Brides. Ambas têm um som bem pesado e com muito barulho, o vocal abusa de gritos e urros. As letras têm cunho emocional, são por vezes mórbidas, depressivas e com temas que falam sobre amor e corações partidos. O visual dos integrantes das bandas é carregado de roupas pretas, jaquetas de couro, calças rasgadas, muitas tatuagens, e por vezes só usam coletes, sem camisa por baixo, deixando à mostra o

corpo. Apesar dos itens em comum, as bandas se diferem em alguns aspectos. Os músicos da Asking Alexandria usam cabelos na altura dos ombros, com um pouco de volume ou lisos com a franja, geralmente não usam maquiagem preta nos olhos. Já a banda Black Veil Brides, também conhecida como BVB, tem a estética inspirada no *dark*, com maquiagem artística acentuando a palidez do rosto e pinturas pretas por toda a face, incluindo olhos e lábios com batom preto; os cabelos são bem negros, lisos e espetados, e o vestuário também preto inclui muitas correntes como acessório. Todos esses elementos contribuem para a performance sombria em que se apoia a banda, que também trabalha muito com expressão corporal e olhares macabros em clipes e shows, assim como posam para as fotos. As Figuras 1 e 2 a seguir ilustram as bandas citadas.

Figura 1 – Banda Asking Alexandria



Fonte: *O Estado de S. Paulo*. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/combate_rock/notas-roqueiras-asking-alexandria-forka-mx-sampa-music-festival-10/>. Acesso em: 29 abr. 2014.

Figura 2 – Banda Black Veil Brides



Fonte: *Aceshowbiz*. Disponível em: <<http://www.aceshowbiz.com/events/Black%20>>

Veil%20Brides/black-veil-brides-2012-revolver-golden-gods-awards-show-01.html>.

Acesso em: 29 abr. 2014.

Apesar de estas serem as bandas mais consideradas pelo público emo, não significa que os adolescentes da tribo escutem só este tipo de música. Os gostos variam muito nas vertentes do rock'n'roll, desde o *new metal* até o pop rock, passando pelo punk rock ou o *hardcore* melódico. As duas bandas citadas, inclusive, não são definidas pela mídia como do gênero *emocore*, são qualificadas como *metalcore* ou *post-hardcore*. Isto mostra a diversidade do imaginário dos jovens emos sobre como é fazer parte da tribo e as suas preferências.

O fato de Asking Alexandria e BVB serem tão queridas pelo público emo é o que acentua o imaginário de dor, solidão e depressão ao qual estão vinculados os emos. As letras expressam sofrimentos e lamentações com referências à morte e ao sangue. A seguir, a letra da música “The Final Episode”, uma das favoritas do público de Asking Alexandria, retrata o sentimento da tribo emo.

<i>The Final Episode (Let's change the channel)</i>	O episódio final (vamos mudar o canal)
<i>Oh my God, Oh my God, If only he knew, If only he knew, If only he knew about the world without the bullshit and the lies.</i> <i>We could've saved him, They could've saved me. But instead I'm here drowning In my own fucking mind, And I'll be damned if you're the death of me</i> <i>Blood and ink stain the walls, Silently with bloodied knuckles, carry on, Hoping it's not too wrong. You said the nights were far too long. Honey, it's just the start of it.</i>	Oh, meu Deus, Oh, meu Deus, Se ele soubesse, Se ele soubesse, Se ele soubesse sobre o mundo sem as besteiras e mentiras. Poderíamos tê-lo salvo, Eles poderiam ter me salvado. Mas, ao invés disso, eu estou aqui me afogando Em minha própria mente, E eu serei amaldiçoado se você é a minha morte. Sangue e tinta mancham as paredes, Silenciosamente com dedos ensanguentados, continue, Esperando que isso não seja tão errado. Você disse que as noites eram muito tempo. Querida, é apenas o começo.

<i>Oh my God, If he only knew. Oh my God, If only he knew, If only he knew, If only he knew.</i> <i>Just stand up and scream, The tainted clock is counting down. You gave in to me, Would you say the nights are far too long now?</i> <i>Oh my God, (Oh my fucking God) The tears that stain my cheek Must me look weak, I wear them proudly, I wear them proud.</i> <i>Just stand up and scream, The tainted clock is counting down. You gave in to me, Would you say the nights are far too long now?</i> <i>Your knife, My back. My gun, Your head.</i> <i>Your knife, My back. My gun, Your head.</i>	Oh, meu Deus, Se ele soubesse. Oh, meu Deus, Se ele soubesse, Se ele soubesse, Se ele soubesse. Apenas se levantar e gritar, O relógio maculado está em contagem regressiva. Você deu para mim, Você diria que as noites são muito tempo agora? Oh, meu Deus, (Oh, meu Deus) As lágrimas que mancham meu rosto Fazem-me parecer fraco, Eu as uso com orgulho, eu as uso orgulhosamente. Apenas se levantar e gritar, O relógio maculado está em contagem regressiva. Você deu para mim, Você diria que as noites são muito tempo agora? Sua faca, Minhas costas. Minha arma, Sua cabeça.Sua cabeça. Sua faca, Minhas costas. Minha arma, Sua cabeça.
---	--

<i>You need a doctor baby,</i>	Você precisa de um pediatra,
<i>Are you scared?</i>	Você está com medo?
<i>You need a doctor baby,</i>	Você precisa de um pediatra,
<i>Are you scared?</i>	Você está com medo?

Apesar de a letra falar sobre morte, lamentos na solidão da noite, choro e sangue, outras músicas dessas bandas também falam de amor, muito embora sejam sobre corações partidos, com muito sofrimento. O amor é o sentimento que norteia a tribo emo. A afetividade é o imperativo dos emos, a expressão livre das emoções não fica só no conteúdo das letras das canções *emocore*. É comum observar troca de carícias entre os adolescentes – e é notável, inclusive, entre pessoas do mesmo sexo; a homossexualidade não se esconde atrás da rigidez e da moralidade modernas. Os emos têm uma cultura de libertação das amarras da sociedade conservadora através da expressividade dos afetos; por conta disso, chocam muita gente e sofrem preconceito por parte de algumas tribos homofóbicas. A descrição da página EMO depressivo no Facebook se resume na frase: “Não tenho tempo de odiar quem me odeia, pois estou ocupado amando quem me ama.”

Vemos, então, uma variação nos sentimentos e nas atitudes dos adolescentes dessa tribo. Para Maffesoli (2004), a dualidade do ser humano traduz a barroquização do mundo retomada com a pós-modernidade, na qual o social é composto por luz e sombra. No viver barroco, a vida se assume como trágica, com a presença da violência, do sofrimento e da dor no cotidiano tal como ele é, assim como também fazem parte a festa, as fantasias, o prazer e o desejo pulsante no animal que é o ser humano. Não significa, portanto, que o sagrado perdeu lugar, apenas quer dizer que o profano, algo que a modernidade tentou esconder, reapareceu. O autor explica:

[...] A teatralização do daimon é uma boa maneira de domesticá-lo, de proteger-se dele. Velha sabedoria popular que afirma que mais vale compor com a sombra do que negá-la. Não fugir dela, mas passar através dela [...]. Posição pouco confortável, é verdade, mas ainda assim sabedoria, que no dia a dia, homeopatiza o mal até fazer com que proporcione o bem de quem também é portador (MAFFESOLI, 2004, p. 54).

Viver na pós-modernidade é aceitar a tensão e o conflito entre os sentimentos. O cotidiano é feito da mistura de sensações, e a realidade da vida é imprevisível. O tempo todo estamos experimentando a fusão entre espírito, corpo, coletivo, indivíduo e tribos. Não há como enquadrar a vida num esquema, dividindo o mundo e a vivência linearmente, como propunha a modernidade. Para Maffesoli, a socialidade é composta por desordem e caos. Segundo o sociólogo, viver é sentir constantemente o bem e o mal. Ele inaugura a chamada sociologia do sensível, que no século 17 já havia sido trabalhada de forma similar por Espinosa em uma filosofia dos afetos. Ambos ponderam todos os sentidos, sentimentos e afetos para compreender a vida em sociedade. Contrariando Platão e as ideias iluministas que nortearam o pensamento moderno, de acordo com o qual se afirmava a racionalidade como a soberana

que governa o homem, o pensamento pós-moderno apresenta a razão sensível em contraponto à razão instrumental. Assistimos então ao declínio do sujeito cartesiano.

Nesse sentido, a ideia de identidade sucumbe e dá lugar às diversas identificações. Assim como a vida não é predefinida, o homem não pode ser. As identidades não são fixas, mas complexas, múltiplas e ambíguas. A partir daí, entende-se que ele vive em um movimento contínuo de identificação, o que lhe permite identificar-se com um grupo diferente a cada momento. O conceito de *persona*, a máscara que trocamos de acordo com a cena e que só vale se usada em comunhão, diz respeito às múltiplas identificações. A *persona* está relacionada à “criação” que se faz junto com o outro, diferente do indivíduo da “ação”, que age sozinho, o sujeito levantado por Descartes. Sendo assim, o neotribalismo é o conceito que representa a fluidez do novo momento, pois se caracteriza pela ausência de território fixo e pela livre mobilidade dos sujeitos, composto por *personas*. Identificações e neotribalismo são conceitos pós-modernos que corroboram a existência de diversos imaginários e gostos entre os adolescentes emos.

Dor inscrita na pele

Toda dor e sofrimento que os emos sentem é expressa não só nos gritos ao acompanhar uma dessas canções, os emos vão além e inscrevem na própria pele tudo o que sentem. O lado sombrio da tribo demonstra muita solidão, e o desprazer por estar em contato com outras pessoas e a preferência por momentos sozinhos são constantemente expostos. As publicações nas páginas emos no Facebook falam muitas vezes sobre cicatrizes, cortes e até suicídio, a maioria das publicações são ilustradas com imagens.

As escarificações são uma tentativa de colocar para fora tudo o que está oculto no interior da alma. Nesse sentido, Jeudy argumenta:

A pele, invólucro do corpo, aparece como uma superfície com textura singular, as variantes de sua cor, e como um conjunto de fragmentos que se casam bem com as diferentes formas do corpo.

[...] Toda representação corporal é por um instante suspensa pelo ato de ver ou de tocar as pequenas saliências dérmicas, como se o invólucro se separasse das formas que ele exalta para tornar-se uma superfície com relevo próprio. Essa é a razão pela qual ela se apresenta de início qual um texto que dispensa a metáfora e a visualização do corpo. Ela não esconde nada. Não se oferece ao olhar como um invólucro que contém alguma coisa e lhe confere uma forma. Essa ideia de uma “pele” que seria preciso romper para apreender uma espécie de essência da coisa perdura como uma tradição filosófica em que a pele substitui a aparência. Mas ela é apenas uma superfície de registro dos sinais da aparência. Romper sua superfície jamais permitiria que se visse o que há por detrás, já que a própria pele é um “existir” que se dá a ler, a ver e a tocar. Em vez de considerá-la como uma superfície intermediária entre o de fora e o de dentro, parece que, no dia a dia, ela é mais uma superfície de autoinscrição, como um texto, mas um texto particular, pois seria o único a produzir odores, sons e a incitar o tocar (JEUDY, 1998, p. 1-2).

No momento em que a pele deixa de ser um invólucro das formas, o corpo deixa de ser objeto e transforma-se em corpo-texto. Normalmente, a pele é uma exibição involuntária de nossas experiências, do que somos, se tornando um texto que se escreve naturalmente ao passar da vida. Assim são as cicatrizes que

adquirimos com cortes acidentais, quedas, machucados ou intervenções cirúrgicas que por muitas vezes ficam escondidas por questões estéticas. Entretanto, no caso dos emos, os cortes não são acidentais, são provocados pelos sujeitos que não fazem esforço para ocultá-las, ao contrário, expõem-na para outros membros da sua tribo. As marcas corporais (rugos, manchas, linhas, cicatrizes) despertam dupla possibilidade de perceber o corpo, a cicatriz pode ser um elemento que causa repulsa ou atração, e só a alteridade vai revelar o significado.

Pelo fato de a cicatriz se tornar um sinal pessoal, um sinal exclusivo do ego, é preciso que o olhar do Outro não seja de reprovação, manifestando o que se chama comumente como o horror de um desastre.

[...] Quando a cicatriz permanece como o sinal tangível da culpabilidade nascida da degradação do corpo, sua possível estetização depende unicamente do poder do Outro. O indivíduo machucado não chegará jamais sozinho a transformar a marca de sua dilaceração em sinal de beleza (JEUDY, 1998, p. 2-3).

As inscrições marcadas na pele pelos adolescentes emos são uma forma de identificação de pertencimento à tribo, e a ele importa principalmente a opinião do outro, daquele com quem se identifica. As cicatrizes, assim como suas emoções desenhadas ali com o sangue que sai da carne, são formas de comunicação social, o sujeito as reconhece em si e exibe aos outros, elas movimentam todo um código compartilhado por seus pares. Tal comunicação é um fenômeno social que orienta as relações e os valores em comum, que por sua vez sustentam a afetividade. “A comunicação ou a compreensão dos gestos é obtida pela reciprocidade de minhas intenções e dos gestos do outro, dos meus gestos e das intenções identificáveis na conduta do outro.” (MERLEAU-PONTY apud LE BRETON, 2009, p. 117).

A dor, assim como os valores e o imaginário emo são compartilhados entre eles, os corpos cortados deixam de ser posse exclusiva do próprio sujeito para pertencer também ao outro. A pele, que seria algo tão íntimo, individual, que é sentida ao toque e ao cheiro em sua proximidade, vem a ser um texto – e também objeto – exposto a todos, aos olhares que estão carregados de sentimentos, cultura, opinião e desejo dos outros. Assim se revela a beleza das cicatrizes.

Nas páginas do Facebook, o jovem encarna sua *persona* emo, ele veste a máscara adequada ao lugar para teatralizar suas emoções profundas e as pôr para fora através do sangue. É na neotribo que a *persona* acha lugar, pois é um efeito contrário ao princípio do individualismo, é caracterizado “pela indiferenciação, pelo ‘perder-se’ em um ser coletivo” (MAFFESOLI, 1987, p. 16). Trata-se mais da importância ao que une do que ao que separa. A base do individualismo está na identidade isolada daquilo que não compete a si mesma, enquanto a *persona* se fundamenta na relação com o próximo.

Portanto, vemos que a escarificação é algo comum entre os emos – as

Figuras de 3 a 5 a seguir ilustram um pouco do que foi tratado aqui. O sentimento de solidão e a dor do amor que habitam fortemente no imaginário dos adolescentes emos são transferidos para a pele através dos cortes, ressaltando os dois lados desta tribo que retrata a barroquização do mundo, levantada por Maffesoli (2004), com o jogo de luz e escuridão que vivem os jovens. As cicatrizes acabam por revelar suas experiências e identificação para o mundo, mas principalmente para os outros da tribo, ao exibirem suas angústias nas páginas do Facebook.

Figura 3 – Página inicial de EMO depressivo no Facebook



Fonte: EMO depressivo.

Figura 4 – Publicação da página EMO's no Facebook



Fonte: EMO's.

Figura 5 – Publicação no grupo EMO (//_^)



Fonte: EMO (//_^).

Referências bibliográficas

FERNANDES, Cíntia SanMartin. *Sociabilidade, comunicação e política: a experiência estético-comunicativa da Rede MIAC na cidade de Salvador*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

FERREIRA, Sérgio. Da “experiência” ao “vício”: a construção de um projeto de marcação corporal. In: COSTA, Maria Regina da; SILVA, Elizabeth Murilho da (Orgs.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006.

JEUDY, H-P. O texto do corpo. In: _____. *Le corps comme objet d'art*. Paris: Armand Colin, 1998. Disponível em: <<http://www.each.usp.br/opuscorpus/PDF/r12p1.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2014.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEGROS, Patrick et al. *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RAMOS, Paula; SOUZA, Izabela J. Emo, o filho bastardo do punk: análise antropológica de dois *ethos* grupais em Belém do Pará. II ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA DA REGIÃO NORTE, 2, 2010, Belém. *Anais...* Belém: UFPA, 2010.

Sites consultados

<http://www.tribospaulistanas.blogspot.com.br/2009/03/diferentes-estilos.html>

<http://estiloemobrasiloficial.blogspot.com.br/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Emo>

<http://www.brasilecola.com/sociologia/emo.htm>

<http://ask.fm/PageEmos>

Facebook

<https://www.facebook.com/pages/EMOs/406399276138883?fref=ts>

<https://www.facebook.com/pages/EMO-depressivo/1389432794631012?fref=ts>

<https://www.facebook.com/pages/World-Emo/202834733221050?fref=ts>

<https://www.facebook.com/groups/EmoXOfficialGroup/?fref=ts>